

DIÁRIO DA MANHÃ

30-9-1973

DM

SETA

—(Pedro Manuel:) —

BIENAL & SALÕES

Dia 5 de outubro inaugurar-se-á a XII Bienal de São Paulo. Alguns salões estão sendo realizados como os de Piracicaba e Jaboticabal. O XXII Salão Nacional de Arte Moderna acabou de encerrar as portas, no Rio de Janeiro. Resta ver se estes certames favorecem a arte e para tanto meditemos dois minutos.

É mais do que claro que não quero, e nem seria possível, estabelecer um paralelo entre a atividade Artística Nacional e a de nossa cidade, porque isso não passaria de piada, dado que nossa atividade é nula, e nulo é o amparo das autoridades municipais, ao setor. Mas é próprio esta nulidade que sugere certos pensamentos esquecidos.

Em Ribeirão Preto, pelo mistério do confluir das água e da doçura dos ventos, pousaram ou nasceram numerosos artistas, senhores de expressão original, ou, segundo o nosso código de comunicação, abundantemente criativos. Na santa paz da província produzem e criam, sem vender, mais esquecidos do que lembrados. A Escola de Artes Plásticas da UNAERP, atraiu alguns jovens de talento que ainda brincam com pinseis, e massas plásticas, ou com sucata e, apesar dos restritos pastos caipiras, criam.

No Rio de Janeiro — vão pensar vocês — Tirando o Ziraldo e o Milor ninguém cria. Estão errados. O Pasquim não me paga um tostão e eu ia dizer quase o contrário. No Rio de Janeiro há muitos artistas de respeito mas o Salão Nacional que lá se realiza é tancão, clandestino e só apresenta jovens residentes na Guanabara. Parece um bingo em família para distribuir os polpudos prêmios da União. A arte é pretexto e excessão.

A Bienal que era moderna em vinte e dois anos, e doze edições, tornou-se "Tradicional" e apresenta uma espécie de filhote para seguir o carisma da comunicação, provavelmente, de massa, e sem dúvida achacrinhada. Não que tenha algo contra o Aberlado mas é preciso escolher, ou o fácil, o comerciável, o aplaudível, ou a criação da linguagem que geralmente ninguém entende, que é de difícil digestão, mas alcança efeitos profundos e sobrevive, ou seja, continua a ser moderna no futuro. A Bienal, pelo contrário, envelheceu, desculpem foi além, tornou-se "Tradicional", em vinte e dois anos apenas, seus ídolos, seus premiados, provavelmente para a Bienal, viraram fósseis. Somente seu Papa com os 80 anos e pico continua jovem agarrando-se aos recursos da publicidade da novidade de fácil absorção e de consumo certo, que cansa, logo envelhece dando lugar a outros recursos fáceis e efêmeros. No enorme espaço ocupado pela Bienal pouco sobra para a arte, e a arte pouco deve à Bienal. Odila Mestriner que estará na Bienal não foi engendrada por esta, nem sua arte ganhará com a participação à Bienal. Sua linguagem austera, lenta penetração no mundo das formas é o fato cultural que interessa, não os foguetes que em redor dela poucos ou muitos tenham a vontade ou o interesse de soltar.